

A segunda chance.
Por Juliana Fernandes Gontijo.

- Já vou. Até daqui a dois meses.
- Talvez não seja o momento!
- Como você sabe?
- Algo me diz que você não deve ir.
- Não me venha com essa agora!
- Vejo que você não me entende mesmo!
- Ei! Sem essa de que nossa amizade vai acabar aqui.
- Nossa amizade nunca vai acabar. Ela mais parece de outra vida, isso sim.
- Pare! Não acredito nisso!
- Também não. Foi só modo de dizer. Nós somos como duas irmãs, não é verdade?
- Eu sei, só estou brincando, amiga.
- Brincando ao dizer que não acredita em outras vidas?
- Vamos parar com isso? Ninguém vive duas vezes.
- Discutir religião aqui nunca deu certo!
- Cada uma na sua!
- Falando sério, agora! Não pegue aquele trem!
- Por quê?
- Eu preciso de você aqui.
- Só me diga o porquê!
- Eu não sei.
- Se você falar isso mais vez...
- O que vai fazer comigo?
- Não faço a menor ideia.
- Então fique! Deixe esta viagem para o final do ano.
- Termine a faculdade; faltam apenas três meses.
- Estou sem ânimo para isso.
- Não pode ser!
- Sim, pode! Preciso deste tempo.
- Vai deixar a enfermagem para fazer um retiro?
- Não coloque palavras na minha boca, Rayane!
- Você vai passar mais de 50 dias no mato, vivendo somente de comida e chás naturais, fazendo meditação, tomando banho de chuveiro uma vez por semana, dormindo em tenda... E ainda me diz que isso não é um retiro? Brenda, veja lá o que vai fazer com a sua carreira! O Renato eu sei que não vai junto.
- Claro que não! Mas ele me entende. Ou não seria meu noivo.
- Vai saber...
- Eu não sei se estou preparada para passar o resto da minha vida na frente de uma emergência de hospital.
- Então, porque escolheu a enfermagem?
- Achava que eu pudesse salvar todas as pessoas de qualquer doença.
- Acorde, Brenda! Você não é Deus!

- Eu sei, mas pensava que daria “conta” do recado.
- Nós, humanos, fazemos o que podemos! E só!
- Não começa, Rayane!
- Dio Santo! Como dizia minha avó em italiano. Nós só estamos conversando! Você quer mudar de carreira nesta altura do “campeonato”?
- E se eu quiser mudar de ideia? Talvez eu pule para a engenharia. Você sabe, eu sempre gostei de carros. Entendo bem de mecânica.
- Mais essa agora!
- E daí? É você quem paga a minha faculdade?
- Vai lá então e faça seu retiro!
- Não é retiro! Quantas vezes preciso dizer?
- Só te peço uma coisa: não volte zen demais, por favor... Mas continuo achando que não deve ir.
- Vai me dar uma carona ou não?
- Eu não sei, acho melhor você pegar um Uber. Não! Chame um táxi. Eu vou junto. Depois pego outro carro de volta. Só não quero dirigir hoje. Pode ser que eu peça ao Deny para ir me buscar... Vou decidir ainda.
- Fique em casa, amiga. Não precisa ir comigo. Mas eu tenho que fazer esta viagem. É para eu me encontrar de fato, entende?
- Não entendo, mas se é assim que você quer... Vou sentir falta das nossas conversas. Dos lanches no fim da tarde. Da pipoca e do chocolate quente.
- O tempo voa, Ray. “Amanhã” estarei de volta.
- Não brinque comigo, garota!
- Ok! Pronto, já chamei o táxi.
- Só vou ao banheiro e já volto.

Brenda fecha a porta enquanto a amiga ajeita os documentos na bolsa. De repente, a futura enfermeira escuta um barulho do tipo de coco seco despencando do alto de uma árvore. Assustada, esmurra a porta do recinto:

— Rayane! — Sem resposta.

A porta estava trancada. Brenda não pensa duas vezes e pega uma chave de fendas numa gaveta para arrombar a fechadura. A moça conhecia cada canto da casa da amiga. Gritou mais uma vez e nada!

Ela consegue destravar a porta e encontra a amiga desfalecida ao chão.

— Pelo amor de Deus, amiga, volte! — Diz medindo os batimentos pelo pescoço. “Muito fracos”, pensou. Pega um pouco de papel higiênico e molha no álcool. Coloca no nariz de Ray cheirar. Não dá resultado.

Passaram-se alguns minutos e o táxi chega. Buzina várias vezes. Ela não pode atender à porta. Liga na central e pede socorro:

— A placa XVZ1L09 está na minha porta. Mas minha amiga está passando mal dentro do banheiro. Peça ao motorista para aguardar. Vou tentar abrir o portão.

Rayane não recobra os sentidos. É preciso agir rápido. A cabeça tem um corte pequeno com a queda e a boca está roxa. Brenda corre até o portão, chamando o motorista. Ele pega a moça nos braços, enquanto ela vai até o quarto para encontrar, pelo menos, a carteira da amiga. Apanha uma muda de roupa na gaveta e coloca numa sacola de plástico. Fecha a casa. Rayane é colocada deitada no banco traseiro do carro.

— Enfia o pé, cara! Avance tudo quanto é farol de trânsito, eu não sei o que minha amiga tem, não sei mesmo!

O homem não pensa duas vezes: com a mão esquerda vai fazendo uma sinalização de “joinha” invertido e dirige com a direita o carro hidramático. Brenda liga para o namorado de Ray.

— Deny, Rayane não está nada bem. Caiu dentro do banheiro. Batimentos muito fracos, teve um corte na cabeça. Não sangra muito, mas me preocupa. Preciso que você me encontre no PS do centro da cidade. Eu não sei o que ela tem. Estamos de táxi, chegaremos em poucos minutos.

— Brenda! — Ela desliga o telefone e olha para trás. A amiga vai, lentamente, recobrando os sentidos:

— Estamos indo para a estação, amiga? Não estou me sentindo bem não. A minha cabeça está sangrando um pouquinho. Acho que caí no banheiro. — Disse com uma voz arrastada.

— Ray, bem você me disse que não era para eu viajar. Parece que algo te dizia, hein, mulher? Sim você caiu no banheiro.

— É isso que você quer, não é Brenda? Então vai!

— Era isso mesmo, mas eu vou ficar para cuidar da minha “irmã de outra vida”. Não é assim que você me chama? Força, minha amiga! Você vai ficar bem, Ray, eu sei que vai.

O táxi deu entrada na emergência do PS. Rayane foi colocada na maca. Ela parecia um pouco melhor em relação ao momento pós-queda. Foram realizados vários exames, até uma tomografia para excluir o risco de traumatismo craniano. Inicialmente, foi apenas uma queda de pressão. A garota estava alimentando-se mal nos últimos meses e não dizia o motivo. Excesso de trabalho? Brenda não sabia; Deny, muito menos.

Alguns meses depois daquele episódio, as duas amigas se encontram para um lanche da tarde:

— O que houve com você, Ray?

— Melhor não falarmos sobre isso, Brenda.

— Por quê?

— Não começa!

— Ok, mas quando passou mal naquele dia, eu vi logo que você teve um pressentimento. Não era?

— Prefiro não falar.

— Então tá. Mudando de assunto... Sabe aquele filme que combinamos de assistir em...

— Brenda, quando você vai fazer retiro que não fez daquela vez?

— Já falei, não é retiro!

— Seja o que for, quando vai ser?

— E por que vai querer saber?

— Deixa eu ir com você?

— Oi?

— Eu preciso ficar “zen”, amiga. É só isso que eu posso falar que o médico disse!

— Não estou acreditando! O que te aconteceu, garota? Mudou todos os seus conceitos?

— Como você disse naquele dia: “é para eu me encontrar de fato, entende?”.

Brenda não acredita no que vê, mas respondeu prontamente:

— No fim do semestre, após a minha colação de grau! Esta futura enfermeira, aqui, vai com você.

— Ou engenheira?

— Não sei! Só o tempo vai dizer. Ainda estou tentando me reencontrar, entende? E esse dia vai chegar brevemente.

— Sim, porque todos nós merecemos uma segunda chance, não é verdade?

— É isso! Nunca é tarde para a gente se reencontrar.
